

SIMENON



OS INTRUSOS



cavalo de ferro

PRIMEIRA PARTE

— Estou? Rogissart?

O procurador da República estava de pé, em camisa de dormir, perto da cama de onde emergia o olhar espantado da sua mulher. Tinha frio, sobretudo nos pés, pois levantara-se tão de repente que não tinha encontrado as pantufas.

— Quem fala?

Franziu as sobrancelhas e repetiu para a mulher:

— Loursat? É você, Hector?

E a mulher, intrigada, empurrava o cobertor, estendendo um longo braço demasiado branco em direcção ao segundo auscultador.

— O que é que me está a dizer?

A voz do advogado Loursat, que era primo direito da mulher do procurador, informava calmamente:

— Acabo de encontrar um desconhecido em casa... Numa cama do segundo andar... Estava a morrer no preciso momento em que cheguei... Era bom que se ocupasse do assunto, Gérard... Estou muito aborrecido... Tenho a impressão de que se trata de um crime...

Quando o procurador desligou, Laurence Rogissart, que detestava o primo, disse com indiferença:

— Está outra vez bêbedo!

Nessa noite, porém, tudo parecia normal, ainda para mais porque chovia, o que aumentava a estagnação das coisas. Era a primeira chuva fria da estação; por isso, tirando alguns namorados, o cinema da rue d'Allier não recebera mais ninguém. Isso deixava a empregada da bilheteira ainda mais furiosa por estar fechada para nada na sua gaiola de vidro onde gelava enquanto via cair as gotas de água em frente dos candeeiros de rua.

Moulins era a Moulins dos primeiros dias de Outubro. No Hôtel de Paris, no Dauphin, no Allier, os representantes comerciais comiam o prato do dia, servidos por raparigas de vestido preto, meias pretas e avental branco, e de quando em quando um automóvel passava na rua, a caminho sabe-se lá de onde, Nevers ou Clermont, talvez Paris.

As grades das lojas estavam descidas e as tabuletas recebiam a água do céu: o enorme chapéu vermelho da *Bouchet*, ou o cronómetro gigante da *Tellier*, mesmo ao lado da dourada cabeça equestre do talho de carne de cavalo.

O que apitava atrás das casas era o comboio regional de Montluçon, com dez pessoas, se tanto, lá dentro.

Na Prefeitura realizava-se um jantar com cerca de vinte lugares, o chamado jantar do mês, que juntava regularmente os mesmos convidados.

Era muito raro ver-se uma janela sem portada e pessoas no meio da luz. Os passos, quando os havia no dédalo de ruas envernizadas pela chuva, eram furtivos, quase envergonhados.

Na esquina de uma rua para notários e advogados, a casa dos Loursat — os Loursat de Saint-Marc, mais precisamente — parecia ainda mais adormecida ou secreta do que as outras, com as suas duas alas, o seu pátio empedrado, separado da rua por um muro alto, e nesse pátio, no meio de uma taça vazia, um Apolo que já não cuspiu água pelo tubo que lhe saía da boca.

Na sala de jantar do primeiro andar, Hector Loursat estava sentado de costas curvadas para a lareira, onde sobre

uma grelha ardiam bolas de carvão, espalhando um fumo amarelado.

Tinha papos debaixo dos olhos, absolutamente iguais aos das outras noites, era essa espécie de liquidez das pupilas que lhe deixava o olhar vago e inquietante.

A mesa era redonda, a toalha, branca. À frente de Loursat, a sua filha, Nicole, comia com uma aplicação calma e melancólica.

Nenhum deles falava. Loursat comia desleixadamente, inclinado sobre a comida como se estivesse a pastar, mastigava ruidosamente e, por vezes, suspirava de tédio ou de cansaço.

Quando terminava um prato, afastava um pouco a cadeira para deixar a barriga à vontade e aguardava.

Era tão perceptível que ele estava à espera que aquilo se transformara num sinal perante o qual Nicole se virava ligeiramente para a criada de pé junto à parede.

A criada abria, então, uma porta de correr, e gritava para o vazio do monta-pratos:

— Próximo!

Em baixo, nas profundezas da cozinha lúgubre, abobadada como uma capela, uma mulherzinha magra e feia interrompia a sua refeição numa ponta da mesa, levantava-se, tirava um prato do forno e depositava-o no monta-pratos.

Invariavelmente, após alguns metros, o aparelho parava de repente, o mecanismo emperrava e era preciso recomençar a manobra várias vezes até que, por milagre, a criada que espreitava lá em cima via chegar as iguarias aguardadas.

A chaminé da lareira não extraía o fumo. A casa estava cheia de coisas que não funcionavam ou que funcionavam mal. Todos se apercebiam disso. Com os cotovelos em cima da mesa, Loursat soltava um suspiro a cada avaria do monta-pratos; e, quando uma corrente de ar fazia rodopiar o fumo por cima das bolas de carvão, Nicole mostrava o seu mau humor tamborilando os dedos na mesa.

— Então, Angèle?

— Aqui está, menina.

Nicole bebia vinho branco de um jarro. O pai servia-se de uma garrafa de borgonha que esvaziava com toda a precisão no decurso de uma refeição.

— Será que a menina me podia pagar logo a seguir ao jantar?

Loursat escutava, mas sem prestar grande atenção. Mal conhecia a criada, uma rapariga alta, mais vigorosa do que aquelas a que estavam habituados, bem constituída, enérgica, de uma irreverência tranquila.

— Tem a caderneta pronta?

— Entreguei-a à Fine.

Fine era Joséphine, a desajeitada anã lá de baixo que enviava os pratos pelo interior da parede.

— Muito bem.

Loursat não perguntou à filha por que motivo a criada se ia embora, se era ela que batia com a porta ou se era posta na rua. De quinze em quinze dias via uma nova criada, e isso era-lhe indiferente.

Estava a comer castanhas cozidas e conseguiu sujar o seu casaco de andar por casa em veludo preto. Não tinha importância, porque o casaco já estava imundo. Ouvia-se a água gotejar num tubo de escoamento, e não havia dúvidas de que também este precisava de reparação.

Acabadas as castanhas, Loursat aguardou um instante para se assegurar de que não havia mais nada para comer, amarfanhou o guardanapo numa bola e pousou-o em cima da mesa, pois nunca se dava ao trabalho de o dobrar. Levantou-se.

Era assim todas as noites, sem a mínima variação. Não olhava para Nicole. Já virado para a porta, murmurava:

— Boa noite.

A essa hora, o seu andar já se tornara pesado, impreciso. Desde manhã, Loursat tivera tempo de beber duas ou três

garrafas de borgonha, provavelmente três, sempre do mesmo vinho, que ia buscar à cave assim que acordava, doseando-o com precaução.

Da rua, poder-se-ia seguir o seu trajecto através das luzes estreitas que as persianas filtravam umas a seguir às outras, levando, por fim, ao escritório do advogado, a última divisão da ala direita.

A porta estava almofadada desde sempre, já desde o tempo do pai de Loursat, que também tinha sido advogado, talvez até desde o tempo do seu avô, que havia sido presidente da Câmara durante vinte anos. Havia rasgões no percal preto como num velho bilhar de província.

Na lareira, em vez dos cães ou da grelha para bolas de carvão, alguém devia ter instalado provisoriamente, por algum motivo, uma pequena salamandra de ferro fundido que ali ficara, com o seu pequeno tubo encurvado. Esta rugia, não demorava a ficar avermelhada, e por vezes Loursat aproximava-se dela como de um bom cão, atirando-lhe para a goela cor-diais pazadas de carvão e agachando-se para aticar o lume.

O regional de Montluçon já tinha partido. Um outro comboio apitava sobre a cidade, mas era apenas um comboio de mercadorias. Um filme tremeluzia no ecrã para algumas pessoas dispersas na sala, que cheirava a roupa molhada. O prefeito levava os seus convidados para a sala de fumo e abria uma caixa de charutos.

Rogissart, o procurador, tinha aproveitado o facto de não haver *bridge* nesse dia para se deitar mais cedo, e a mulher lia ao lado dele na cama.

Loursat assoava-se à maneira dos velhos e dos camponeses, desdobrando primeiro o enorme lenço, fazendo um ruído de trompete, três vezes, cinco vezes, e voltando depois a dobrar o lenço com a mesma minúcia.

Estava sozinho no seu covil sobreaquecido que fechava sempre à chave, por gosto, embora Nicole afirmasse que era por vício.

Os seus cabelos grisalhos eram naturalmente eriçados e ele aumentava-lhes a desordem passando por eles os dedos a contrapelo. A barba era vagamente pontiaguda; os bigodes tingiam-se de amarelo-acastanhado no sítio do cigarro.

Havia beatas por todo o lado, no chão e nos cinzeiros, em cima da salamandra e das capas dos livros.

Loursat fumava, ia vagarosamente buscar a garrafa que amornava, à sua espera, no canto da lareira.

Passavam carros na rue de Paris, a vários quarteirões, com os limpa-pára-brisas em movimento, chuva nos faróis, rostos baços no interior.

Loursat não fazia nada, deixava o cigarro apagar-se, voltava a acendê-lo, cuspiam a beata num sítio qualquer, enquanto a sua mão puxava um livro e o abria numa página qualquer.

Lia, então, um pouco, bebia pequenos goles de vinho, ronronava, cruzava e descruzava as pernas. Os livros empilhavam-se até ao tecto. E também nos corredores, na maior parte das divisões da casa, alguns dele, outros que tinham sido do pai ou do avô.

Sem vontade, instalava-se em frente de uma prateleira, esquecia-se talvez de que ali estava, e fumava um cigarro inteiro antes de agarrar numa obra que levava para o seu escritório como os cachorros vão esconder côdeas debaixo da palha da sua casota...

Aquilo já durava há vinte anos, mais precisamente há dezoito, e desde então ninguém conseguira que jantasse fora, nem os Rogissart, que eram seus primos e que davam um jantar seguido de *bridge* todas as sextas-feiras, nem o decano dos advogados que fora íntimo do seu pai, nem o seu cunhado Dossin, que recebia figuras políticas, nem, por fim, os sucessivos prefeitos, que, no início, ainda sem estarem informados, lhe enviavam um convite.

Outrora um brilhante advogado, oriundo de uma das famílias mais influentes de uma monótona cidade de província, Hector Loursat vive há duas décadas enclausurado na sua mansão, desde que foi abandonado pela mulher, que deixou para trás também a filha de ambos, Nicole, cuja educação ficaria entregue a uma criada. Pai e filha são perfeitos estranhos. Livre de amarras sociais, Loursat não se envergonha do desleixo que aparenta e não se coíbe de beber várias garrafas de vinho por dia. Vê o mundo lá fora através de uma lente embaciada e torpe. Certa noite, ouve-se um tiro e, numa sala abandonada daquela casa enorme, um homem morre diante dos seus olhos. Quem é este intruso? A investigação policial que se segue revela segredos que abalam toda a cidade. Loursat decide quebrar o isolamento, sair do torpor e voltar a exercer, uma última vez, a advocacia, encarregando-se da defesa do acusado.

Num dos seus mais aclamados romances, Georges Simenon analisa com mestria o esqueleto da solidão e o lento regresso de Hector Loursat à sua própria humanidade.

«Uma literatura filosoficamente mais profunda
do que a ficção de Camus ou Sartre.
Existencialismo com esqueleto de aço.»

The New Republic



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-556-4



9

789895 895564